

O POVO KINIKINAU E SUA TRAJETÓRIA AO ENSINO SUPERIOR

Rosaldo de Albuquerque Souza

RESUMO: A Comunidade kinikinau encontra-se no Território Indígena Kadiwéu (TIC), no Município de Porto Murtinho-MS. O povo Kinikinau já foi considerado extinto por alguns autores e a Funai acabou acatando essa idéia, fato que ajudou na drástica redução dos componentes desse grupo indígena, pois não havendo registros de nascimentos pela FUNAI, as crianças obrigatoriamente deveriam ser registradas na etnia Terena. Com muita luta e resistência hoje encontramos cerca de 200 indígenas registrados na etnia e com a ajuda de antropólogos, a FUNAI voltou a registrar as crianças nessa etnia. A distância entre a aldeia e a cidade é um fator que dificulta muito o prosseguimento dos estudos para aqueles que terminam o ensino fundamental e médio na aldeia, fato pelo qual ainda não há um indígena kinikinau formado em nível superior. Pesquisas apontam que existem muitos indígenas descendentes de Kinikinau residindo em outras aldeias, porém, todos estão registrados na etnia terena.

Palavras-chave: Kinikinau, resistência, FUNAI,

INTRODUÇÃO

O povo Kinikinau encontra-se disperso por várias aldeias do Mato Grosso do Sul, mas a maior concentração está na aldeia São João, dentro do território Indígena Kadiwéu (TIC), no município de Porto Murtinho-MS. Nessa comunidade indígena, encontram-se pessoas das etnias Terena e Kadiwéu convivendo harmoniosamente com os Kinikinau, desde 1940.

A etnia Kinikinau tem sua origem lingüística a partir do Tronco e família Lingüística Aruák. Apresenta vocabulário semelhante ao Terena.

De acordo com relatos do falecido Pastor Leôncio Anastácio, a aldeia foi fundada em 1.940 por seus pais e mais quatro famílias que fugiam dos maus-tratos que vinham sofrendo na sua aldeia de origem, que se localizava nas proximidades do distrito de Agaxi em Miranda-MS.

“Um tal de Gaúcho e seus capangas começaram a visitar nossa aldeia dizendo que aquelas terras foram todas compradas por ele e que nós

deveríamos desocupá-las, pois se não o fizéssemos o nosso gado começaria a morrer aos poucos e nós também. O SPI nada fez, para impedir essa situação, quando meus pais o procuraram. Aos poucos a boiada do Gaúcho foi tomando conta do nosso campo e não era mais aceita conversa com ele, mas os capangas nos recebiam com tiros de espingardas e fuzis.” Leôncio Anastácio, in memorian.

Os povos indígenas que residiam próximo à fronteira do Brasil com o Paraguai foram convocados para participar da **Guerra do Paraguai**. Os Kadiwéu tiveram grande destaque na Guerra, o que lhes rendeu um presente oferecido pelo Imperador D. Pedro I, o TIC, que mede aproximadamente 546.000 hectares de terra no Município de Porto Murtinho-MS.

Após a guerra do Paraguai a vida dos indígenas que conseguiram retornar, nunca mais foi a mesma, muitas aldeias foram totalmente destruídas, suas famílias foram mortas e suas plantações e criações arrasadas. Os Terena formaram vários grupos e assim criaram-se as aldeias que hoje existem.

Visconde de Taunay deixou em seus relatos muitos trechos acerca dos Kinikinau que encontrou em sua viagens pelo pantanal, entre eles, este fragmento que relata a sua fuga a procura de um local para sua permanência:

[...] guanás, kinikináus e layanos ultimamente se uniram com a população fugitiva (de Miranda, rumo à Serra do Maracaju); [...]. Foram os kinikináus os primeiros que subiram a serra do Maracaju, pelo lado aliás mais íngreme e se estabeleceram na belíssima chapada que coroa aquela serra... (Taunay, 1948: 268)

Segundo o Relatório da Diretoria Geral dos Índios de 1872, Francisco José Cardoso Júnior revelou que existiam cerca de mil indígenas Kinikinau dispersos por Albuquerque e Miranda, cujas características eram a de serem exímios agricultores e de alugarem seus serviços aos não-índios (apud Vasconcelos, 1999: 96-97). Esses indígenas voltaram a morar na região de Miranda, após a guerra do Paraguai. Embora dados imprecisos revelam que o grupo Kinikinau era numericamente significativo mesmo após a Guerra do Paraguai. Enquanto os **Layana**, que também pertencem ao grupo lingüístico Guaná viviam agregados em fazendas, os **Exoaladi** e os **Kinikinau** abasteciam de víveres a população da região. Os três subgrupos Guaná tiveram, segundo o Visconde de Taunay, participação na Guerra do Paraguai

As poucas famílias que estavam na aldeia de Agaxi resolveram fugir do invasor que se dizia dono daquelas terras. Algumas pessoas pediram refúgio nas fazendas próximas, e muitos fazendeiros se aproveitaram da situação para utilizar os indígenas em seus serviços como mão de obra escrava, dando apenas comida e roupas velhas como pagamento. Outras famílias buscaram socorro em aldeias da região, onde construíram suas casas e seus descendentes foram registrados na etnia Terena.

O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira chegou a citar em seus trabalhos que os Kinikinau era mais um grupo extinto. Diante dessa afirmação a FUNAI deixou de registrar nascimentos de indígenas nessa etnia.

Dentre as inúmeras tribos ou subtribos a desaparecerem ainda no presente século [XX], podemos apontar os Kinikináu (Guaná) e os Ofaié-Xavante. Os primeiros mantinham ainda uma aldeia, junto ao rio Agaxi, de onde se dispersaram, expulsos de suas terras por um civilizado que as teria comprado do Estado do Mato Grosso; seus remanescentes são encontrados hoje em algumas aldeias Terena (Cardoso de Oliveira, 1976: 27).

Durante muito tempo, foi negada pelo próprio órgão indigenista, primeiramente o SPI e depois a FUNAI, a possibilidade de se identificarem como Kinikinau, pois eram obrigados pelos chefes de posto a se registrarem como Terena. Em 1.997, a Prefeitura de Porto Murtinho, através da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes, iniciou um trabalho de Educação Escolar na Reserva Indígena Kadiwéu com a perspectiva da implantação de escolas que atendessem às necessidades de cada aldeia: Bodoquena, Barro Preto, Campina, São João e Tomázia. O antropólogo Giovani José da Silva fez parte desse trabalho muito significativo para a comunidade Kinikinau de São João.

Na aldeia São João, entre 1997 e 1.999 foram realizadas reuniões e debates sobre a escola que os índios desejavam, verificando-se que a maioria rejeitava um tratamento igual àquele oferecido aos Kadiwéu. Isso levou a se pensar, então, em uma escola que atendesse a índios Terena, o que também foi rejeitado pelo grupo. Evidente que esse fato causou muita estranheza e, ainda que timidamente, os Kinikinau começaram a expressar a partir desse episódio uma identidade étnica distinta.

Durante as reuniões verificou-se que se identificar como Terena representou, durante muito tempo, uma das estratégias utilizadas pelo grupo Kinikinau para sobreviver a toda sorte de perseguições a que foi submetido. Segundo o professor Inácio Roberto Kinikinau,

eles lutam até hoje para provar que existem e que têm direito à terra, educação e identidade:

Assim como outros índios, nós também estamos alcançando o direito de dar aulas para nosso povo. Eu espero que o estudo signifique a valorização cultural e mais respeito para os Kinikinaus. Por isso, deixo uma mensagem para outros índios que também estão em sala de aula: é preciso persistência, muita luta e quando ficar muito, muito difícil continuar, pense nos seus filhos, nos seus netos e no seu povo! Nas nossas palavras, hinga ûti koinukunoen hainiye ûti xo mêun (Revista Nova Escola. 2004 – Entrevista cedida por Inácio Roberto).

Três Kinikinau fizeram parte do Curso de Formação de Professores Kadiwéu e Kinikinau oferecido pela Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer de Porto Murtinho, entre os anos de 2002 e 2004. Dois deles concluíram com êxito o referido curso: o professor Inácio Roberto e o professor Rosaldo de Albuquerque Souza.

Em 2003, o professor Inácio Roberto participou de pelo menos dois eventos de repercussão nacional em que manifestou a existência de seu grupo: I Encontro Nacional dos Povos Indígenas em Luta pelo Reconhecimento Étnico e Territorial (Olinda/ PE, 15 a 19/05/2003) e Seminário dos Povos Resistentes: A presença indígena em MS (Corumbá/MS, 10 a 12/12/2003). Nesses encontros, o professor indígena e ex-policia militar falou sobre a difícil luta que os Kinikinau têm travado para serem conhecidos e oficialmente reconhecidos pelo Estado brasileiro. Há poucos estudos lingüísticos e de caráter histórico e antropológico, destacando-se os trabalhos de Doutorado de Ilda de Souza (Lingüística) e de Iara Quelho de Castro (Ciências Sociais), ambos na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A comunidade indígena Kinikinau, atualmente conta com uma escola atendendo cerca de 200 alunos desde a pré-escola até o ensino médio. Devendo lembrar que os alunos pertencem às três etnias que compõem a aldeia São João. Os alunos pertencentes à etnia Kinikinau somam cerca de 50 indivíduos.

A falta de uma política de incentivo da parte dos órgãos competentes como FUNAI, governos Estadual e Municipal tem feito com que grande parte dos alunos que concluem o ensino médio abandone os estudos. Para esses jovens saírem de casa para estudar deveria haver uma ajuda para sua permanência na cidade, pois suas famílias não têm condições para ajudá-los.

Dos dois formados no curso de Magistério Indígena em 2004 na aldeia Bodoquena, apenas um continua estudando na UEMS de Dourados. O outro começou a cursar letras em Jardim-MS, mas por motivos financeiros, abandonou o curso na segunda série.

Atualmente os alunos que ingressam na UEMS recebem um benefício por parte do governo do Estado de Mato Grosso do Sul que deve ser paga mediante estágios para órgãos ligados ao seu curso, portanto, essa ajuda é suficiente apenas para pagamento de aluguel, o que leva os alunos a procurarem um emprego. A maioria dos que procuram emprego, quando o encontra, é contratada em serviços pesados como na área da construção civil, fato que causa muita fadiga e desânimo para continuar os estudos.

Mais cinco Kinikinau ingressaram no curso de formação de professores “Povos do Pantanal.” Todos atuam em sala de aula e suas perspectivas são de ingressar no ensino superior logo que concluírem o magistério.

CONCLUSÃO

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos Kinikinau, percebe-se a grande vontade que esse povo tem de mostrar a sua existência. Mesmo tendo sofrido perseguições e servindo de escravos para aproveitadores, a etnia continua crescendo, já possui um etnônimo próprio e uma escola que sempre sonharam, porém ainda falta uma aldeia definitiva.

Ainda não existem membros da etnia Kinikinau formados em nível superior por falta de apoio e incentivo dos órgãos competentes, pois muitos indígenas da Aldeia São João, igualmente aos de outra aldeias, já saíram em busca de estudos, mas ao se depararem com as dificuldades, voltaram e pararam de estudar. Muitos vão trabalhar nas fazendas, abandonando para sempre os estudos, sem uma nova perspectiva de vida.

Graças aos antropólogos e professores não indígena, que mantém contato com os alunos da escola Kinikinau, desperta-se um interesse maior, atualmente, em não abandonar os estudos, também a visão de que o trabalho para eles está dentro da própria comunidade.

Por fim, esperamos que em poucos anos a nossa escola seja administrada e lotada por indígenas da própria comunidade.

Uma das lutas já ganhamos, o direito ao nosso próprio etnônimo.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kinikinau/print> - acessado em 26/07/2009.

BITTENCOURT, C. M. **A HISTÓRIA DO POVO TERENA**. Brasília: MEC, 2000.

ROBERTO, Inácio. **REVISTA NOVA ESCOLA**. 2004

TAUNAY, A. E. **MEMÓRIAS DO VISCONDE DE TAUNAY**. São Paulo: IPE, 1948